manchete

Público

06-01-2023

Periodicidade: Diário
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Pagina(s): 40

Marcelo torna a eutanásia boa para ir buscar a morte e o PCP recusa a morte anunciada

Sementes de alfarroba

Carmo Afonso

É uma coisa nunca vista. A eutanásia tem vindo a ser protagonista num cortejo que oscila entre o Parlamento, o Presidente da República e o Tribunal Constitucional (TC) e, mais recentemente, até já se equacionou a hipótese de levar o assunto a referendo. É a verdadeira batata quente. Soubemos agora que Marcelo a enviou novamente para o Tribunal Constitucional. Nas suas próprias palavras, Marcelo quis que o TC verificasse se a nova fórmula legal preenchia as exigências que foram feitas da primeira vez.

Marcelo Rebelo de Sousa tem as habilitações que lhe permitiriam fazer essa verificação, mas não quis promulgar a lei antes de esgotar todas as possibilidades de a pôr em causa. Um Estado laico tem um Presidente da República católico, o que não tem mal nenhum. Mas um Presidente da República católico eventualmente não consegue deixar de condicionar a sua ação governativa pelas suas convicções religiosas e aí já poderemos ter um problema.

As forças políticas de esquerda tendem a ser progressistas e, por isso, favoráveis à despenalização da eutanásia. Mas o assunto não é simples nem unânime. Sobretudo o PCP, como é seu costume, veio baralhar o debate, votando contra e usando um argumento novo e digno de reflexão. (Nada irrita mais alguns leitores do que uma qualquer defesa ao PCP. Mas tem de ser. Vamos a isso.)

Não subscrevo a posição do PCP e não seria esse o meu sentido de voto se estivesse na Assembleia da República, mas considero politicamente enriquecedor ser obrigada a reconhecer validade num argumento que contraria a minha posição. Escrevo sobre o assunto a propósito da recente decisão de Marcelo e na eventualidade de esse argumento do PCP ter passado despercebido.

Defende o partido que, num país marcado por desigualdades socioeconómicas, o valor de uma vida pode ser relativizado em função de critérios de utilidade social, de interesses económicos, de responsabilidades e encargos familiares ou de gastos públicos. O que é que isto quer dizer? Que a vida de um pobre pode ser desvalorizada relativamente à vida de um rico. Quer dizer que quando alguém avaliar a vida de uma pessoa de uma classe socioeconómica baixa pode chegar à conclusão de que ela dá demasiada despesa para a capacidade da sua família ou que a continuação daquela vida representa um encargo avultado demais para o Estado. Basicamente, o que o PCP está a dizer é que vai existir uma pressão maior, junto de quem pouco ou nada tem, para decidir morrer.

> **O PCP, como é seu costume, baralhou o debate com um argumento novo e digno de reflexão**

Todos sabemos que somos iguais por princípio, mas diferentes nas vias de facto. Claro que os privilegiados podem aceder a melhores cuidados de saúde e sem passar por filas de espera. Mas existem portugueses e famílias portuguesas que não têm muitas opções quando vivem situações de doença. É puramente lógico tomarmos consciência de que esta diferenciação pode pesar no delicado momento em que alguém decide se vale ou não a pena prolongar a sua situação. É legítimo ponderarmos que alguém – que reúna as condições que lhe permitem decidir pela morte medicamente assistida – tome essa decisão atendendo aos encargos que a manutenção da sua vida acarreta para a respetiva família ou para a comunidade. Pior: pode até vir a existir pressão social para o encaminhamento para a eutanásia nessas situações. Não me ocorre nada mais desumano que fatores de natureza económica terem influência numa decisão como aquela de que estamos a falar.

Como referi, não partilho a posição do PCP. Mas entendo que lhe devemos um agradecimento pela capacidade de nos pôr a pensar neste tema sob uma perspetiva nova e altamente atendível. Confirma-se que estamos perante um partido de fundamental importância na vida democrática nacional. Um partido que sistematicamente dá contributos que demonstram coragem política, coerência ideológica e, como neste caso, que surpreendem. Já agora: não admira que seja contra a eutanásia um partido que tem sempre a morte anunciada.

As posições contrárias à eutanásia giraram muito à volta das questões morais e não trouxeram nada de novo ao debate. Já as conhecemos. O argumento económico do PCP, mas que acaba também por ter implicações morais, refrescou.

Alguns conhecerão a expressão do título e que se encaixa (e duplamente) na eutanásia. Para os que não conhecem, explico: quando alguém diz "és muito boa para ir buscar a morte", significa que a pessoa visada demora demasiado tempo. É o caso aqui. A eutanásia não se despacha. E reparem que Marcelo conseguirá comparecer no funeral de Bento XVI livre de pecado.

Advogada

Autorizada pela VISAPRESS para a reprodução, distribuição e/ou armazenamento de conteúdos de imprensa, das publicações por esta representada, sendo interdita qualquer reprodução, mesmo que parcial.